



FRANCISCO HYCZY DA COSTA

Francisco Hyczy da Costa veio da cidade paranaense de Jaguariava para Itajubá, no ano de 1954, para se matricular no 3º. Ano do Curso Científico do Colégio de Itajubá. Logo recebeu o apelido de "Chicão", mais condizente com seu porte avantajado. Formou-se na turma de 1961 do antigo I.E.I.,

mas foi "adotado" pela turma de 1959, da qual participa de todos os encontros que se repetem anualmente. De uma crônica escrita por José Nazareth de Almeida, da turma de 1959, extraímos alguns traços de seu perfil quando estudante: "Em Itajubá, ele gastava grande parte de seu tempo de folga bolando piadas, olhando por "buraquinhos" indiscretos (este é um fato histórico...), brincando com todo mundo e espalhando apelidos. Muitas vezes o encontrávamos, geralmente à noite, carregando uma mala suspeita e trazendo consigo, também, uma pequena vara e prendedores de

roupa, objetos que transformariam em popularmente, virava depósito de galináceos. Mas, para todos os efeitos, ele estava apenas saindo de viagem. Isso sem falar dos cabritos que eram saboreados na sua República, tendo como convidados, muitas vezes, os próprios donos dos animais. A ele são atribuídas brincadeiras como aquela escrita no pára-choque do carro do Padre Agostinho: "Mulheres, cheguei!" e o sumiço das galinhas do Sacristão Levindo. E, como nossa República era próxima das casas das vítimas, o Vigário e o Sacristão cortaram relações conosco. Mas não foram somente estes os motivos que tornaram o Chicão tão conhecido e popular. Brincaço, contador de piadas e frequentador assíduo do Bar Marabá, Acadêmico e do Zé Matos, foi sempre bom de papo como poucos!..."

Luiz Alberto Garcia, também da turma de 1959, ressaltava algumas de suas mais marcantes características: "Sempre admirei sua capacidade imaginativa e seu desapego em ajudar aqueles que dele precisavam, principalmente em se tratando de problemas de saúde. Sou testemunha do quanto sua casa em Nova York se tornou a embaixada daqueles que se dirigiam àquele país em busca de tratamento de saúde ou de uma nova

oportunidade de trabalho. No campo profissional Chicão teve a coragem de ousar com sua família, com filhos ainda pequeninos, partindo para o desconhecido com a missão de dar certo ou dar certo. Foi sempre motivo de orgulho para todos os seus amigos e colegas, pela sua obstinação e pelo seu sucesso."

Com sua empresa Graham Bell Engenharia de Telecomunicações Ltda. Chicão se aventurou para o exterior, tendo atuado com grande sucesso e por longo tempo na África, na Inglaterra e nos Estados Unidos. É também : Diretor-Presidente da Gebepar Participações e Investimentos Ltda. (Holding administradora dos investimentos do grupo); Acionista e Membro do Conselho de Administração da Companhia Thermas do Rio Quente S/A (Rio Quente Resorts /Hotelaria e Turismo); e Sócio-Administrador da Agripar Participação e Administração Ltda. (Holding agrícola criada para consolidar as atividades de produção de grãos e sementes, armazenagem e beneficiamento de suas afiliadas, sendo a Agro Industrial de Cereais Verdes Campos S/A a sua principal empresa agrícola).

Com invejável currículo profissional, prevalece ainda as suas maiores qualidades, imutáveis desde o seu tempo de estudante em Itajubá: a SIMPLICIDADE e a sua capacidade de FIEL AMIGO, que fazem do Chicão uma personalidade incomum e admirável.

No dia 22 de novembro de 1963, me encontrava em companhia do meu cunhado Helvécio de Azevedo Goulart, do colega **Francisco Hyczy da Costa**, mais conhecido

como **Chicão**, e mais duas pessoas que não me lembro os nomes. Isso se deu por volta das 18 horas no Bar Pigale, localizado no centro de Goiânia, quando tomávamos algumas cervejas, numa sexta-feira. De repente, o dono do bar veio nos contar que ouvira pela televisão, em edição extraordinária, a notícia sobre o atentado sofrido pelo Presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, que mais tarde veio a falecer. Aquela notícia nos chocou profundamente e a nossa conversa passou a ser, então, sobre possíveis desdobramentos desse caso. Imaginávamos a possibilidade de uma retaliação dos Estados Unidos sobre a União Soviética, caso houvesse prova da participação daquele país no atentado. Era uma época em que a guerra fria entre os dois países estava mais acentuada, aumentada, ainda, pela retirada, alguns meses atrás, dos mísseis balísticos de Cuba, país que tinha toda a cobertura da Rússia. Felizmente nada aconteceu entre os dois países, mas até hoje não se sabe ao certo a verdade sobre o atentado, com muitos fatos obscuros, ainda a esclarecer.

Após o impacto dessa notícia voltamos à nossa conversa sobre vários assuntos, quando o Chicão me perguntou se eu não gostaria de ir a Itajubá para as comemorações dos 50 anos do Instituto Eletrotécnico de Itajubá (I.E.I.), que seria no dia seguinte, um sábado. Disse a ele que não dava mais tempo de viajarmos de carro, pois não chegaríamos a tempo. Ele disse-me então, que viajaríamos no dia seguinte pela manhã, em avião particular, e que eu deixasse tudo por sua conta. Saímos do bar após alguns minutos e não tocamos mais no assunto da viagem a Itajubá.

No dia seguinte, por volta das 9 horas da manhã, Chicão apareceu em casa para viajarmos, conforme combináramos no dia anterior. Fui pego de surpresa, pois achei que aquela viagem combinada na mesa de um bar não passasse de conversa fiada. De pronto falei da minha desistência e que, também, não havia comentado com a Diva a esse respeito. Com a sua insistência acabei concordando em viajar. Muito contrariado fiz, às pressas, a mala. Logo nos dirigimos ao Aeroporto Santa Genoveva e ficamos aguardando o avião que o Chicão havia contratado na Taxi Aéreo Xavante, companhia que oferecia esse tipo de serviço. Tendo passado mais de uma hora, tentei fazê-lo desistir da viagem, mas ele não concordou, insistindo que viajássemos. Depois de vários telefonemas para a companhia e, tendo passado do meio-dia, para infelicidade minha surgiu o avião vindo do norte de Goiás, hoje Estado de Tocantins. Era um velho avião Cessna-135 pertencente àquela empresa.

Chicão explicou ao piloto do avião, chamado Sizenando, a nossa situação e ele, prontamente, resolveu nos ajudar. Precisava apenas reabastecer aquele "pau velho" para seguirmos viagem. Antes de embarcarmos ele abriu sobre uma das asas do avião um mapa para traçar o trajeto, indicando que passaríamos pela cidade de Araxá e de lá seguiríamos para Itajubá. Chicão, com aquelas pernas compridas, se sentou na frente, ao lado do piloto, e eu atrás, tinha por companhia uma lata com mais ou menos 20 litros de gasolina de avião. Levantamos voo e, ao passar por cima da represa do Jaó, fiz o sinal da cruz como despedida, pois achava que aquela viagem não teria volta. Olhei para o painel do avião e observei que o local dos aparelhos estava totalmente tapado com papel amarelo de embrulho. Funcionando havia apenas a bússola. Nem contava com o radiogoniômetro, que era um aparel-

Uma grande aventura nos

50 ANOS DO I.E.I. em 23/11/1963

lho muito usado, naquela época, para a comunicação das aeronaves com os aeroportos, permitindo determinar, na carta, a posição dos mesmos, orientando-os na direção a seguir. Se

caíssemos estaríamos totalmente perdidos, sem meios de ser localizados. Passados alguns minutos perguntei ao piloto Sizenando para que servia aquela gasolina já que não poderíamos abastecer em voo. Prontamente me respondeu que iríamos fazer escala e abastecer em Araxá e, então, seguiríamos para Itajubá. Por curiosidade perguntei, também, se ele já havia caído de avião. Respondeu-me que caíra três vezes, sendo que numa delas pousara numa enorme e frondosa árvore. Fiquei mais tranquilo, pois vi que ele tinha experiência em quedas de avião.

Pousamos em Araxá, para abastecimento, e seguimos em frente. A viagem transcorreu sem qualquer problema. Houve somente alguns desvios da rota para evitarmos as chuvas à nossa frente, pois novembro é época de muitas chuvas na região. Isso fez com que perdêssemos preciosos minutos, pois estávamos bastante atrasados.

Por volta das 18 horas o tempo fechou e o piloto nos comunicou que, infelizmente, teria que pousar em alguma cidade próxima de Itajubá, pois estava sem visibilidade e não queria correr nenhum risco de acidente. Fomos obrigados a pousar em Alfenas, para nossa segurança.

Ao chegar na cidade, Chicão sugeriu que contratássemos um carro que nos levasse até Itajubá. Foi grande a surpresa ao sabermos que as estradas estavam todas intransitáveis, principalmente para Itajubá. Nelas não passava nem caminhão. Havia muitos ônibus e outros veículos atolados. À noite nos dirigimos a uma pensão e fomos comemorar o aniversário de 50 anos do I.E.I. num restaurante, comendo pizza. Isso depois de viajarmos quase mil quilômetros.

Depois de saborearmos a pizza Chicão telefonou para o Nagib Mohallem (Nagibinho), para que nos esperasse de carro no aeroporto de Itajubá, por volta das 9 horas da manhã, horário previsto para a nossa chegada. Nagibinho, preocupado com a nossa segurança, disse ao Chicão para orientar o piloto que, quando chegasse ao campo de aviação de Itajubá, parcialmente interditado, seguisse a seguinte instrução: vir do lado oposto a Piranguinho e, ao passar por cima da primeira cerca fazer o avião tocar o solo imediatamente e ir freando-o, até pará-lo antes de chegar na segunda cerca, com um espaço mínimo para o pouso com segurança.

Ao chegarmos em Itajubá, sobrevoamos a praça Cesário Alvim (hoje Teodomiro Santiago) e o piloto, inclinando o avião, acelerava o motor fazendo algumas evoluções em círculos e vãos rasantes. Esse era o sinal que os aviões faziam quando chegavam na cidade, para que os motoristas de praça fossem ao aeroporto apanhar os passageiros. Quando o avião aterrissou, alguns deles, acostumados com aquela artimanha, já estavam nos esperando. Nagibinho também estava de prontidão nos aguardando.

Ficamos em Itajubá no domingo apenas, para sabermos notícias da festa de comemoração dos 50 anos do I.E.I., do tão esperado baile de gala e para o encontro com alguns colegas. Regressamos a Goiânia na manhã do dia seguinte com os mesmos riscos da viagem de ida, mas, graças a Deus, chegamos sãos e salvos.

Cleber Malta de Sá (Turma de 1957)

Do livro de sua autoria "Pequenas Histórias de Vida"